

O ensino de literaturas em língua estrangeira no curso de Letras: *uma idéia fora do lugar?*

Lajosy Silva -UFA¹

Resumo:

Esse artigo pretende discutir a problemática do processo de ensino-aprendizagem de literaturas em língua estrangeira no curso de Letras, uma vez que o curso deve teoricamente formar alunos que saiam habilitados e licenciados para ensinar uma língua estrangeira e não sua literatura. Trata-se de uma problemática que estabelece um distanciamento entre o discurso e a crítica sobre o aspecto funcional da aquisição de uma segunda língua.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem - educação - literatura - crítica - política educacional

Abstract:

This essay aims to discuss the issue related to the teaching-learning process of literatures in foreign language during the Language Course as this course should technically prepare students who would be licensed to teach a foreign language and not its literature. It is an issue which establishes a distance between the discourse and the criticism towards the functional aspect of Second Language Acquisition.

Key-words: Teaching-learning - education - literature - criticism - educational policy

O ensino de literaturas em língua estrangeira está na grade curricular do curso de Letras dentre as habilitações escolhidas pelos alunos ao optarem por uma segunda língua quando prestam vestibular, embora exista a habilitação (ou opção) de concluir o curso no que seria chamado comumente de licenciatura simples, habilitação em Língua Portuguesa. Em algumas universidades, a possibilidade de fazer o bacharelado, sem cursar as disciplinas de Metodologia de Ensino, suas práticas e estágio assim como disciplinas ligadas ao departamento de Pedagogia (Didática, Psicologia da Educação) também é uma outra opção que o aluno do curso de Letras possui ao optar por não ter uma licenciatura. O aluno de bacharelado deixa a universidade com um diploma que permite gozar dos direitos como aluno graduado, porém, sem a licenciatura que permitiria atuar como professor em qualquer estabelecimento escolar.

A variedade de opções - no que diz respeito à formação do profissional na área de Letras - apresenta uma problemática que pode enriquecer ou enfraquecer a própria existência do curso, uma vez que o aluno pode ter uma formação crítica e teórica ao abranger três áreas aparentemente distintas: língua materna (Língua Portuguesa), literaturas (brasileira e portuguesa) e uma segunda língua e suas literaturas (inglesa, francesa, espanhola, alemã dentre tantas outras). Essa variedade pode parecer rica no que diz respeito à possibilidade de estudar áreas que oferecem escolhas e opções, quando o aluno se identifica com determinado campo de conhecimento (línguas ou literatura) e decida se especializar como professor em determinada área ao fazer um curso de pós-graduação por exemplo, pois a noção *campo de conhecimento* seria um diferencial para que o aluno fizesse uma opção entre o ensino de língua ou o de literatura.

Com o avanço dos estudos lingüísticos nas áreas de Lingüística Aplicada e Análise de Discurso, os Estudos Literários têm se isolado dentro do curso de Letras como apenas uma disciplina obrigatória, cujo campo de análise e nomenclatura seria reduzido às teorias de literatura (espécie de introdução aos



Estudos Literários) e literaturas (Brasileira e Portuguesa). Portanto, não é raro observar que as disciplinas de Teoria de Literatura sejam divididas em números (I, II e III) que podem variar na grade curricular de uma instituição para outra, assim como as literaturas em língua portuguesa (Brasileira I, II e III, Portuguesa I e II), mais uma vez, dependendo da grade curricular criada e discutida por professores em reuniões departamentais ou tendo em vista as opções sugeridas pelo MEC, quando existe ou não uma consulta para saber se há uma grade “curricular ideal” ou unificada para o curso de Letras.

Em algumas universidades, existem disciplinas obrigatórias de literatura que procuram criar uma unidade e identidade quando se leva em conta autores regionalistas numa tentativa de valorizar escritores do estado como atestam os currículos de universidades como a UFPI (Universidade Federal do Piauí) e UFAM (Universidade Federal do Amazonas). Nessas instituições, são oferecidas disciplinas em que se estuda autores do Piauí e do Amazonas que dificilmente seriam estudados em universidades como a USP (Universidade de São Paulo) e UNESP (Universidade Estadual Paulista), a menos que algum professor das instituições citadas se interesse por autores como Milton Hatoum (amazonense) e Torquato Neto (piauiense) ou oriente alunos desses Estados que se deslocam para fazer pós-graduação numa tentativa de trazer uma titulação (mestrado e doutorado) para suas instituições e permitir que haja alguma produção científica e programas de pós-graduação credenciados pelo MEC.

É sabido até o presente momento que cursos de pós-graduação na área de Estudos Literários em muitas universidades fora do eixo Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais são poucas, de modo que, uma vez graduados, os interessados devem se deslocar para outras regiões com o propósito de dar continuidade aos seus projetos de pesquisa e ampliar seus conhecimentos. Atualmente, esse quadro está mudando em função de uma valorização sistemática para que cursos de pós-graduação sejam oferecidos em instituições como a Universidade Federal do Amazonas; que ainda não oferece nenhum



curso (estamos no ano de 2008, quando escrevo esse artigo) de pós-graduação na área de Letras.

Todo esse preâmbulo sobre o ensino de literatura e cursos de pós-graduação focados nessa área serve para que o ensino de literaturas em língua estrangeira seja analisado e repensado sob um viés crítico, embora ainda não seja possível estabelecer um critério teórico e sistemático sobre a importância de disciplinas de literaturas em línguas inglesa, francesa, espanhola, dentre outras, pois questões pedagógicas, que fundamentariam projetos de pesquisa, estariam mais voltadas para abordagens que concentram no ensino de língua estrangeira e seus desdobramentos em detrimento do “papel” do processo de ensino-aprendizagem de literaturas em línguas estrangeiras na grade curricular do curso. Existe uma aparente preocupação quanto ao futuro das disciplinas de literaturas em língua estrangeira no curso de Letras, uma vez que a principal função do curso seria habilitar um professor para ensinar línguas estrangeiras, ou seja, um aluno que opte por uma licenciatura em língua inglesa deve, sobretudo, estar apto para ensinar essa língua e *não sua literatura* ao concluir o curso. Portanto, eis que surge a problemática a ser apontada aqui: qual seria a importância do ensino de literaturas em língua estrangeira? Mais ainda, existiria uma preocupação em fundamentar ou “instrumentalizar” os alunos para que eles tenham algum respaldo interdisciplinar para que o ensino de Literatura Inglesa e Norte-Americana não seja apenas “mais uma disciplina” na grade curricular?

A questão parece ser desfavorável à manutenção dessas disciplinas ou relegar as mesmas a profissionais sem qualquer fundamentação crítico-teórica ou formação (entendida aqui como pós-graduação) para que elas sejam “ministradas” por qualquer professor pós-graduado, visto que, para a seleção de professores em instituições públicas, existe um favorecimento para professores pós-graduados (mestres e doutores) em Lingüística Aplicada em detrimento de professores com pós-graduação em Estudos Literários em língua estrangeira. Não é raro encontrar em editais a exigência máxima de doutores



em Lingüística Aplicada, sem que exista espaço para professores doutores em Estudos Literários em língua inglesa, francesa ou espanhola. É verdade que os tópicos do concurso podem abranger o ensino de literaturas, mas não existiria, portanto, a especificidade em ensino de literaturas em língua estrangeira, porque, como já foi mencionado, qualquer pós-graduado em língua estrangeira pode lecionar essas disciplinas sem que exista um critério de análise e seleção de candidatos para essa seleção, desde que eles tenham uma titulação (a mínima seria especialização, em alguns casos) para se candidatar a uma vaga em uma universidade pública.

Trata-se de um fato que se estende e afeta o ensino de literaturas estrangeiras na grade curricular do curso de Letras, uma vez que essas disciplinas seriam vistas como itens decorativos ou até mesmo questionadas por alunos, já que a orientação do curso é formar futuros professores para o ensino de línguas estrangeiras e *não* suas literaturas, dado que disciplinas como Literatura Inglesa ou Norte-Americana não teriam muita importância para a formação desses alunos que apenas lecionariam “inglês” em escolas de idiomas ou mesmo na rede pública e particular de ensino.

Por outro lado, existiria uma orientação dos professores para que o ensino de literatura em línguas estrangeiras seja orientado para o fato de que ler Shakespeare, Molière, Cervantes e Goethe é uma “complementação” ou reforço para que *língua e literatura estrangeira* caminhem juntas para um “enriquecimento cultural” do aluno, mesmo que não exista uma fundamentação crítica ou até mesmo preocupação política que sustente a existência dessas disciplinas na grade curricular. A questão proposta por esse artigo é simples: o ensino de disciplinas como literaturas em língua estrangeira seria uma *idéia fora do lugar* (expressão tomada aqui de Roberto Schwartz) levando em conta a sua “aparente inutilidade” e aspecto decorativo na grade curricular do curso de Letras com habilitação em língua estrangeira?

A resposta não é tão simples como parece, mas há, pelo menos, uma hipótese para que o ensino de literatura seja descaracterizado como vem sendo



nos últimos anos: o aspecto “não-utilitário” do processo de ensino-aprendizagem de disciplinas como literatura e artes na grade curricular que compreende desde o ensino médio até o curso de Letras. Ora, vivemos em um país chamado Brasil, portanto, seria natural que estudemos Literatura Brasileira ou literaturas em língua portuguesa (que abarcaria autores como Eça de Queiroz, Camilo Castelo Branco, Gil Vicente, Camões, dentre tantos); porém, quando se trata de ensino de línguas estrangeiras, a literatura é vista com descaso em instituições que não valorizam seu ensino. Afinal, por que ler *Wuthering Heights* de Emily Brönte e *L'École de femmes* de Molière se os alunos apenas precisam preencher uma parcela do mercado de trabalho que compreende a formação de professores de línguas estrangeiras?

A mercantilização do ensino de línguas estrangeiras pode ser uma preocupação distante, quando áreas de estudo e pesquisa como Lingüística Aplicada e Análise do Discurso voltam-se para uma formação crítica do profissional do ensino de línguas (até mesmo de literaturas, quando convém) em sala de aula, já que o ensino de literaturas em língua estrangeira seria um apêndice na grade curricular do curso de Letras. Quanto aos programas de Estudos Literários em línguas estrangeiras, estes parecem isolados, cujo foco reside na escolha de um autor ou obra específica, quando alguns pesquisadores tentam levar em conta o diálogo entre língua e literatura, pois a última é tomada como pretexto para o ensino de línguas estrangeiras ou mero “artefato cultural”, como se uma literatura desse conta de explicar “uma cultura inteira”, seja essa cultura oriunda da França, Inglaterra, Itália ou Estados Unidos.

Portanto, ensinar literaturas em línguas estrangeiras, tendo esse raciocínio como pressuposto, seria uma *idéia fora do lugar*, uma vez que ensinar línguas (estruturas gramaticais, pronúncia e afins) seria o mais importante, uma exigência do mercado, capacitação do professor de línguas estrangeiras que se aterá ao processo de ensino-aprendizagem de literaturas como um “suporte” cultural durante sua permanência no curso de Letras. Com efeito, as disciplinas de Literatura Inglesa e Norte-Americana vêm sendo sistematicamente retiradas



da grade curricular de instituições particulares que oferecem o curso de Letras. Mais ainda, o próprio curso de Letras, dentre as licenciaturas que ainda “resistem” como oferta de cursos na iniciativa privada (entendida aqui como as faculdades particulares) parece se extinguir na medida que *ser professor* não seria uma profissão lucrativa. A demanda do mercado exigiria profissionais na área de Biomédicas e Exatas, pois a licenciatura estaria reduzida a profissionais que não tiveram outra opção de trabalho a não ser se tornarem *professores*. É possível ver a “valorização” de cursos como Letras na própria tabela dessas instituições, quando o curso seria o mais barato em comparação com outros cursos (Administração, Direito, Psicologia, Enfermagem, dentre tantos), cujas mensalidades seriam mais altas comparadas aos cursos de licenciatura. Com a demanda baixa de cursos como História, Geografia e Letras, a extinção desses cursos é dada como certa daqui a alguns anos na iniciativa privada.

Focando no curso de Letras, as únicas instituições que ainda sustentam uma preocupação quanto à valorização da categoria seriam as instituições públicas. Contudo, até mesmo em algumas dessas instituições, o ensino de literaturas estrangeiras ainda é visto com descaso, quando existem até projetos de retiradas dessas disciplinas ao buscar uma capacitação do graduado em língua estrangeira para ser *exclusivamente* um professor de inglês, francês ou espanhol. Por ementas, sustenta-se que o ensino de literaturas em línguas estrangeiras deveria ser um complemento; que o aluno aprenderia e aprimoraria seu vocabulário se “lesse” autores em língua estrangeira. Para comprovar essa hipótese, apresento logo abaixo os objetivos da ementa de Literatura Norte-Americana da UFAM - Universidade Federal do Amazonas: na grade curricular?

De acordo com os objetivos da ementa, verbos como *familiarizar* e *levar* descrevem questões problemáticas como se a tarefa do professor da disciplina focasse em questões que exigiriam dele u

- Familiarizar o aluno com a História e a Cultura ;
- Familiarizar o aluno com a Literatura Norte Americana dos séculos 19, 20 e 21;
- Levar ao conhecimento do aluno algumas tendências da crítica e da história;



- Relacionar a literatura com a vida do aluno;
- Relacionar a obra escrita com a obra filmada;
- Desenvolver no aluno uma visão crítica da literatura;
- Reforçar a expressão oral e escrita baseada em textos literários.

Essa ementa seria “livre” e pode ser alterada a critério do professor que ministra a disciplina, uma vez que cabe a ele estabelecer o que seria “relacionar a literatura com a vida do aluno”, mesmo que esta seja uma expressão vaga e difícil de ser compreendida em contraponto com a experiência de ler em língua estrangeira. A “vida do aluno” seria uma relação com o seu cotidiano, um embate de idéias e confronto que o aluno pode desenvolver ao ler *A Streetcar Named Desire* de Tennessee Williams? O que seria também “desenvolver uma visão crítica da literatura”? Que interesse o aluno poderia desenvolver entre essa peça de teatro e questões íntimas oriundas da sua experiência como leitor, já que essa seria a “utilidade” da disciplina na formação ou experiência crítica sobre essa literatura que, de antemão, é *estranha* e *exótica* para o aluno. Mais uma vez, a questão da abstração parece estabelecer que *ler* é um ato desprovido de fundamentação crítica, uma vez que o acadêmico deveria estabelecer ou discutir parâmetros na sua prática de ensino para que o aluno desenvolvesse sua análise crítica diante de um texto literário que é *estrangeiro* e de difícil acesso. Existiriam duas camadas distintas que o impediriam de se “familiarizar” com esse texto (estrutura lingüística complexa) e sua “cultura” de origem. A questão de ler em língua inglesa parece residir na abstração da experiência da leitura mais relacionada a escolhas pessoais entre o que se quer aprender, “reforçar a expressão oral e escrita baseada em textos literários” e os demais itens da ementa que são decorativos como “relacionar a obra escrita com a obra filmada”.

Quando não se trabalha com o texto literário, o audiovisual (adaptação cinematográfica) é sistematicamente utilizado para que a experiência da literatura em língua estrangeira seja reiterada, pois essa experiência pode ser filtrada a partir do cinema; que seria uma forma mais popular de difundir o



texto literário e de fácil acesso em contraponto com a dificuldade de lidar com o texto em sala de aula. Entretanto, ainda assim, a bibliografia da disciplina não apresenta nenhuma fundamentação teórica e crítica que estabeleceria uma abordagem clara para o ensino da disciplina:

- BARROWS, M., FOSTER, F. ROSS, F. VAN HOUTEN & E. WACHNER, C. eds. *The American experience: Fiction (Literary Heritage Series)*. New York: Macmillan, 1974.
- BARROWS, M., FOSTER, H. ROSS, F. VAN HOUTEN & E. WACHNER, C. eds. *The American Experience: Poetry (Literary Heritage Series)* New York: Macmillan, 1974.
- BODE, Carl. *Highlights of American Literature*. Washington DC: USIA, 1971.
- BRADBURY, Malcom. *O Romance Americano Moderno*. Tradução. Heliodora, Bárbara. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- BRADLEY, Sculley. *The American Tradition on Literature*. 4th edition. New York: Grosset & Dunlab, 1979.
- FULLER, E., & KINNICK, B.J. eds. *Adventures in American Literature*. Vol. 3. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1963.
- GOWER, Roger. *Past Into Present: An Anthology of British and American Literature*. England: Longman, 1996.
- HARMON, William. *The Top 500 poems*. New York: Columbia University Press, 1992
- HIGH, P. *Highlights of American Literature, Books I e II*. Washinton, D.C.: English Teaching Division, Educational and Cultural Affairs, International Communication Agency, 1980.
- INGE, M. Thomas, ed. *A 19th Century American Reader*. Washington D.C: The United States Information Agency, 1989.
- KAY, Judith & GELSHENEN, Rosemary *America Writes. USA*: Cambridge University Press, 1998
- KINNICK, B. Jo. *Teacher's Manual for Adventures in American Literature*. New York: Harcourt, Brace & Company, 1963.
- KIRSZNER, K. *Literature: Reading, Reacting, Writing*. Florida: Harcourt Brace College Publishers, 1997
- LAZAR, Gillian. *Literature and Language Teaching*. Glasgow: Cambridge University Press, 1993
- MC CRUN, Robert, CRAN, William & MACNEIL, Robert, *The Story of English*. USA. Penguin Books, 1992.
- VANSPANCKEREN, K. *Outline of American Literature*. Washington: The United States Information Agency, 1994.



Outras questões são sugeridas sobre a disciplina, já que o ensino de literatura aqui é mais panorâmico ao citar livros com títulos como *Outline of American Literature*, *Highlights of American Literature* e *Adventures in American Literature*. Em outras palavras, o “outline” (panorama), “highlights” (navegações) e “adventures” (aventuras) descrevem que estudar Literatura Norte-Americana seria um olhar de viajante e traseunte que “por acaso” se defronta com outra “cultura” sob a perspectiva de uma aventura, um vôo que pode trazer uma experiência abstrata, sem que exista um confronto de idéias sistemático quanto à experiência de ler, independente se a literatura estaria ligada à vida do aluno.

De acordo com a bibliografia, existe ainda um “manual” para essas “aventuras”, assim como um recorte evasivo (*O Romance Moderno Americano*) e experiências que relacionam o ensino de literatura ao desenvolvimento de habilidades e competências lingüísticas como o livro de K. Kirrszner (*Literature: Reading, Reacting, Writing*). Percebe-se também que a indicação bibliográfica da disciplina é defasada: alguns livros foram editados em meados de 1970. Sendo assim, essa bibliografia indicaria a ausência de reflexões sobre o ensino de literatura em língua estrangeira, um viés teórico e crítico que fundamentaria uma abordagem mais complexa.

Em *Educação, ideologia e contra-ideologia*, de Antonio Joaquim Severino, esse embate de forças entre a importância ou não do ensino de disciplinas como literatura parece advir de um viés ideológico mais estabelecido e imposto do que sustentado por uma reflexão constante sobre o papel da literatura na formação do indivíduo. Mais uma vez, confirma-se que a importância de se criar um elo entre *cultura* e *língua estrangeira* seria a verdadeira razão para a existência da disciplina na grade curricular. Além do mais, a ideologia apresenta-se ainda mais problemática quando consideramos o próprio ensino de língua estrangeira como um processo de assujeitamento, uma vez que teóricos como Eni Orlandi e Maria Coracini apontam os processos de ensino-aprendizagem como um patamar construído a partir de questões de identidade



cultural, ou seja, os processos de leitura e escrita estariam condicionados ao patamar de uma noção de identidade que teoricamente englobariam o confronto com outras (inglesa, francesa, espanhola ou alemã) quando se ensina uma literatura em língua estrangeira.

Por outro lado, Ana Lúcia Almeida Gazzola aponta para o distanciamento entre a Educação Superior e a Educação Básica, uma vez que o diálogo é quase inexistente em detrimento da sobreposição do primeiro sobre o segundo, de modo que o processo de ensino-aprendizagem de literaturas estrangeiras torna-se uma idéia fora do lugar na área de Letras, já que ele não tem uma *utilidade* a não ser como distanciamento entre a prática (ensino de línguas) e teoria (o ensino de uma “cultura” a partir da literatura). Trata-se de uma imposição curricular que não encontra respaldo funcional, já que seria reconhecer a importância de se valorizar o Educação Básica defasada em países latino-americanos como o Brasil.

O ensino de uma língua estrangeira seria mais uma questão de política educacional, uma falácia ideológica revestida de aparente importância, pois a aprendizagem de língua inglesa é levada como um item curricular baseado numa “falsa necessidade” ditada pelo mercado: alunos deveriam “saber inglês” para arranjar um emprego. Portanto, a língua inglesa seria uma imposição curricular, porque existe essa prerrogativa de que o desenvolvimento de um país está sustentado no domínio de línguas estrangeiras por parte de seus habitantes, pronto para entrar no mercado de trabalho e satisfazer a necessidade de indústrias e empresas que desejam funcionários fluentes. O domínio da língua inglesa, nesse caso, seria um investimento, uma ação que se adquire ao se fazer um curso de línguas, sendo a literatura desnecessária para aquisição e o enriquecimento crítico e cultural que tanto se prega nas ementas de ensino de literaturas em língua estrangeira.

Para Adrian Halliday, a aquisição de uma segunda língua estaria condicionada à praticidade e seu uso contínuo, embora o teórico reconheça as necessidades individuais do aprendiz que possam estar relacionadas ou não a



outros ambientes e campos fora da sala de aula; que justificaria o ensino de literatura estrangeira para além da vala comum das disciplinas complementares. Como já foi mencionado anteriormente, Maria José Coracini valoriza a noção de que os falantes de um país desenvolvem ações que entram em confronto ao se depararem com a noção de uma identidade social, enquanto formação de um pensamento crítico, isto é, questiona-se o próprio ensino de língua e literatura estrangeira ao se deparar com o ensino de língua materna nas escolas.

Dessa forma, *prática e ideologia* são embates constantes em sala de aula quando um professor de literatura inglesa se propõe a ensinar elementos de um texto literário (ideologia dominante e Sonho Americano, por exemplo) que parecem estranhos a um aluno que deseja apenas ser professor, falar e ensinar inglês. É nessa brecha - permitida pelo viés ideológico - que o ensino de literatura estabelece uma reflexão que ultrapassa o sistemático ensino técnico da língua estrangeira e sugere o campo ideológico, onde essa prática de ensino-aprendizagem se torna efetivamente mais problemática. Se o ensino de literaturas em língua estrangeiras é apenas um pretexto para reforçar o ensino da língua e desenvolver mais habilidades, seu aspecto utilitário será questionado pelo aluno, uma vez que ele não vê sentido em estudar aspectos históricos e sócio-econômicos que revestem a expressão dessa língua. Um romance como *O Grande Gatsby* de F. Scott Fitzgerald descreve uma parcela da ideologia americana, o Sonho Americano, na qual a contramão dos conflitos das personagens estabelece esse ideal da ascensão a qualquer preço que apenas uma experiência de discussão e debates em uma sala de aula poderia produzir, ao contrário de uma aula sobre a diferença *Simple Past* e *Present Perfect*; que é mais técnica e não precisa de um profissional formado em Letras que estudou quatro anos para lecionar uma diferença que se ensina com exercícios práticos ou requer apenas uma gramática auto-explicativa como a *Essential Grammar in Use* de Raymond Murphy.



BIBLIOGRAFIA

- ALBERT, M. C.; SOUCHON, M. Les textes littéraires en classe de langue. Paris:Hachette, 2000.
- CORACINI, Maria José (org.). Identidade e Discurso. Campinas: Argos, 2005.
- FARRELL, T. S. C. Planejamento de atividades de leitura para aulas de idiomas. Tradução de Itana Summers Medrado. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2003.
- GAZZOLA, Ana Lúcia Almeida. A Educação Superior como Fator de Desenvolvimento Nacional: Desafios e Tendências. PPGE/MEFURG: nº 3, p. 508-516, 2007.
- GRIGOLETTO Marisa & CAMARGNANI Anna Maria (org.). English as a foreign language: identity, practices and textuality. São Paulo: Humanitas, 2001.
- HALLIDAY, Adrian. Appropriate Methodology and Social Context. Cambridge: Cambridge Press, 1997.
- IZARRA, Laura P. Zuntini de. Historicizing the English Text. The Teacher's magazine. Año II. Nº37, 2002.
- KENNY, Brian & SAVAGE
- SEVERINO, Antonio Joaquim. Educação, ideologia e contra-ideologia. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.
- SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. O movimento dos sentidos sobre as línguas estrangeiras no Brasil: Discurso, História e Educação. Tese de Doutorado: Unicamp, 2005.
- ZILBERMAN, R. A leitura e o ensino da literatura. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1991.

Notas:

¹ Lajosy Silva é formado em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia, Mestre em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista e Doutor em Estudos Lingüísticos e Literários pela Universidade de São Paulo, professor de literaturas em língua inglesa na Universidade Federal do Amazonas. Publicou os romances *O Sexo do Pêssego* (2006), *Lêda e o Cisne* (2007) e *Confissão* (2008), além de artigos sobre literatura e cinema em diversos formatos. louis.silva1974@gmail.com

